

UMA PARCERIA QUE AFLIGE

Século XXI. Capitalismo informacional (Castells, 1999). A centralidade do mundo dos negócios na vida humana é cada vez maior. No cotidiano (de trabalho), nos sonhos (de consumo), nos destinos (da carreira), nas relações (de mercado), na aceleração (coercitiva), os indivíduos – principalmente os que hoje habitam os centros urbanos (empresas) do globo – apresentam sensível dificuldade de autocentramento como característica marcante.

O mercado financeiro internacional não pára; num piscar de olhos, ou melhor, no apertar de um *enter*. Não há tempo para o “vir a ser”. Como provoca Edgar Morin (1989), estamos cada vez mais próximos de “fazeres humanos” do que de “devires humanos”. Tudo o que parece restar é lutar por um lugar no mercado de trabalho e, caso consiga, sobreviver lutando para mantê-lo. Ou então criar um trabalho, “empreender”. A ausência de sentido na vida (e no trabalho) impera. Uma sensação de vazio está à espreita de um momento de fragilidade; crise existencial (profissional). Procura-se uma pitonisa (pós)moderna, um oráculo!

Sob a coordenação editorial de Gabriel Cohn, prefaciado por Marco Aurélio Nogueira, *Auto-ajuda e gestão de negócios: uma parceria de sucesso* é obra na qual Carla Giani Martelli apresenta sua tese de doutoramento defendida na UNESP. Nada melhor do que lê-la nas palavras da própria autora:

Defendo a tese de que os sistemas de auto-ajuda se transformaram em fenômenos que têm a dizer sobre um tipo de homem, um modo de ver a natureza, a sociedade, um modo de pensar as relações entre os homens. Nesse sentido, a auto-ajuda não se resume aos livros e manuais. É um fenômeno maior que, justamente por sua amplitude, abarca temas diversos e faz confundir as fronteiras e as abordagens temáticas. (...)

Disso decorre um ponto fundamental: considerando o mundo das organizações, muitos títulos e gurus mesmo que não o reconheçam estão sob os efeitos desse fenômeno da auto-ajuda, porque com eles compartilham idéias, conceitos e significações, e sobretudo porque, em consonância com ele, assumem um tom profético, fazendo do imperativo um recurso intrínseco à sua linguagem. Sustentamos, então, que o fenômeno da auto-ajuda invade, ainda que implicitamente, o imaginário organizacional. (...) esse fenômeno está presente tanto na teoria como na prática organizacional (p. 184-5).

Não seria então a auto-ajuda fenômeno inerente ao “espírito de nossa época”? Em seu criativo livro, Carla aponta que sim.

São muitos os seus méritos: não se deixar valer dos preconceitos prevalentes quanto ao tema – tanto na academia quanto no senso-comum; a originalidade, pertinência e relevância da temática; a criatividade do trabalho; a construção ideal-típica que faz jus à tradição weberiana; e a própria estruturação da obra, bem dividida em três partes.

Na primeira delas, *Um mundo em transição*, Carla articula teorizações, metáforas e análises de autores contemporâneos (e.g., Anthony Giddens, Ulrich Beck, Zygmunt Bauman, David Harvey, Richard Sennett) para construir um panorama sobre questões paradoxais inerentes à modernidade tardia, às mudanças no trabalho hoje, à concepção weberiana e às novas formas de racionalidade e, ainda, à constituição da individualidade neste contexto.

Ao apresentar as *Mudanças no mundo das organizações*, a autora recorre à metáfora circense como “recurso simbólico” para contextualizar sua leitura das teorias organizacionais e do que chama de “indústria da gestão empresarial”. Eis

* Prof. CAA/UFPE.

aqui mais um dos lampejos criativos que tornam o livro singular – sugiro inclusive que a autora invista mais nesta metáfora circense, em outros trabalhos, para ilustrar personagens, números e o próprio “picadeiro” organizacional. Martelli, então, faz um duplo movimento. Primeiramente, lança um olhar histórico para as principais correntes teóricas da administração, enfocando a eterna busca por produtividade inerente a todas elas, para depois apresentar os meandros das “teorias-receitas” contemporâneas com as quais os gurus presenteiam os ávidos consumidores da literatura administrativa de mercado ou, então, os espectadores-clientes de seus espetáculos-palestras, MBAs, cursos de aperfeiçoamento empresarial, consultorias e afins. O olhar descortinado de nuances desta indústria da gestão empresarial (que cada vez mais ocupa maior espaço e dígitos na “indústria cultural”) é outro mérito de *Auto-ajuda e gestão de negócios*.

Sobre esta parte da obra posso, e devo, me alongar um pouco mais. No campo dos estudos organizacionais existem olhares críticos sobre a “ideologia da produtividade” (e são relevantes no meu modo de ver). Estes poderiam ter sido melhor aproveitados. Um exemplo. Em *A nova ciência das organizações*, Alberto Guerreiro Ramos (1981) fundamenta sua proposição teórica sobre a delimitação dos sistemas sociais numa crítica às teorias organizacionais que diz atenderem a uma “política cognitiva” que padroniza e aliena uma sociedade centrada no mercado. É obra clássica. Traz argumentos que poderiam ter sido observados na fundamentação-crítica da autora. É ausência notada no vasto e rico referencial pesquisado. Também gostaria de comentar que Tragtenberg (1989), por fazer uma análise consistente do papel ideológico de algumas destas abordagens teóricas (em especial a de recursos humanos), e Pagès *et al.* (1993), por observar que uma “nova religião” é elaborada dentro das empresas capitalistas modernas (não estaria a cargo da auto-ajuda empresarial a “pregação” desta?), muito embora referenciadas, poderiam ter sido melhor exploradas.

Por fim, em *Formas de auto-ajuda e formas de gestão*, após recuperar as origens remotas e as mudanças no que se denomina historicamente como “auto-ajuda”, Carla apresenta a tipologia que constrói para caracterizar as duas formas que identifica na literatura específica hoje, diz ela, a auto-ajuda manifesta e a auto-ajuda latente. Em seguida, o fenômeno da auto-ajuda empresarial e a hipótese deste ser uma alternativa a qual se recorre diante do “sofrimento organizacional” contemporâneo são os temas centrais trabalhados nessa parte final.

A análise construída pela autora ao longo do seu trabalho, visto sob a perspectiva de uma ciência social transformadora, pede por um segundo movimento numa próxima obra. Não que, para isso, se procure gerar uma “receita de bolo”, ou, para não fugirmos do tema, uma “auto-ajuda para emancipar-se da auto-ajuda”. Longe disso. Mas sim um esforço no sentido de contemplar, analisar, refletir e teorizar sobre o processo de emancipação dos indivíduos em relação à força da auto-ajuda empresarial neste contexto de modernidade tardia. É apenas uma incitação que não posso aqui deixar de registrar...

Sendo minha graduação em administração, vi e vivi muito do que Carla analisa com propriedade. Seu livro faz-me viajar a um tempo de aluno acrítico (num curso também acrítico), jovem empolgado com uma carreira precoce no mundo dos negócios, assinante e leitor de títulos da literatura administrativa de mercado. Enfim, vivenciei em minha formação, atuação profissional e visão de mundo, a “parceria de sucesso”, a simbiose que resulta na auto-ajuda empresarial. Ovi e acreditei em “teorias” sobre como melhor liderar e motivar funcionários (e como estes devem se dedicar ao máximo para “chegar ao topo”), como fazer para ser bem-sucedido o mais cedo possível, como é importante o marketing pessoal, além de inúmeras receitas para conquistar o cargo tão desejado. Ouro de tolo.

Eis um fato. Como aponta a autora, o fenômeno da auto-ajuda está para além das páginas de livros. Faz-se presente na concepção de tipos padrões de seres humanos. Num modo geral de ver a natureza, a sociedade e até mesmo as

relações entre os indivíduos. Nos cerca. Nas prateleiras das livrarias, nos escritórios, nas universidades, nas cabeceiras, nas receitas dos gurus-curandeiros-consultores, nos cursos de aperfeiçoamento, nos conselhos padrões, na mente, na vida (corporativa) e na prática das pessoas (trabalhadores). Pode até funcionar – como aponta Carla em sua conclusão que observa o fenômeno sob diversos prismas e perspectivas. Conforta, traz esperança e incita à mudança para muitos. Muito me afligiu. Aliás, muito me aflige.

REFERÊNCIAS

- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede – A era da informação: economia, sociedade e cultura*. São Paulo: Paz e Terra, 1999a. v.1.
- MARTELLI, Carla Giani. *Auto-ajuda e gestão de negócios: uma parceria de sucesso*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2006.
- MORIN, Edgar. *Cultura de massa no século XX*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989, v. 1.
- PAGÈS, Max; BONETTI, Michel; GAULEJAC, Vicent de; DESCENDRE, Daniel. *O poder das organizações*. São Paulo: Atlas, 1993.
- RAMOS, Alberto Guerreiro. *A nova ciência das organizações: uma reconceituação da riqueza das nações*. Rio de Janeiro: FGV, 1981.
- TRAGTENBERG, Maurício. *Administração, poder e ideologia*. São Paulo: Cortez, 1989.